

As duas faces do ensino na rede pública estadual

Desde que entrou para o Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, no Largo do Machado, ano passado, Luciene Alves da Silva, 16 anos, hoje na segunda série do curso técnico de Administração de Empresas, não conseguiu assistir a nenhuma aula de Física, Química e Geografia, porque não há professores dessas disciplinas. As aulas de Educação Física também estão suspensas, já que o ginásio está tomado por entulhos de uma obra paralisada. E na sala de aulas não há segurança nem conforto: sobram vazamentos nas paredes e faltam carteiras em bom estado.

Um pouco distante dali, no bairro do Rio Comprido, Fernanda de Almeida Rangel, de 15 anos, aluna da primeira série do segundo grau do Colégio de Aplicação da Uerj (CAP) — também da rede pública —, não só

tem todas as aulas das chamadas disciplinas básicas, como também freqüenta oficinas como as de design e fotografia.

Essa diferença pode explicar os índices de aprovação de alunos do Colégio de Aplicação e do Amaro Cavalcanti no último Vestibular Integrado (UFRJ, Uerj, Cefet e Ence). Enquanto o Aplicação conseguiu a aprovação de quase cem por cento de seus alunos, o Amaro Cavalcanti não conseguiu classificar nenhum de seus estudantes.

Para a Diretora do Colégio de Aplicação da Uerj, Maria Cristina da Silva Ferreira, as diferenças passam, entre vários outros aspectos, pela questão salarial: no CAP, os professores recebem salários de Cr\$ 28.840 por 20 horas semanais e de Cr\$ 57.681 por 40 horas. Já na rede esta-

dual, o professor de nível três tem salário de Cr\$ 16.176,33, enquanto o de maior nível recebe piso de Cr\$ 22.945,15, por um período de 16 horas semanais.

Fernanda Rangel, aluna do CAP diz que lá se aprende a gostar do estudo e a perceber sua importância, “porque os professores encaixam as matérias na vida dos alunos”. Já Lívia Farias, 17 anos, do segundo ano de Contabilidade, da Amaro Cavalcanti, acha o colégio desagradável e incapaz de oferecer um ensino de boa qualidade. Por causa da infiltração, a biblioteca foi desativada e os livros estão numa sala fechada, onde também fica guardado, debaixo de pedaços de plástico, o único microcomputador que deveria ser usado pelos alunos do curso de Processamento de Dados.